

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º	17.º Anno — XVII Volume — N.º 543	Redacção — Atelier de Gravura Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	4 entrega		
Portugal (franco de porte, m. torte)	3800	1600	600	120	21 DE JANEIRO DE 1894	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4600	2000	800	200		
Extrang. (união geral dos correios)	5600	2600	1000	300		



## CHRONICA OCCIDENTAL

Temos hoje que registar aqui uma cerimonia muito tocante na sua singela simplicidade, muito justa na sua alta significação, que na sexta feira, doze do corrente, se realison no cemiterio Oriental: — a da trasladação dos restos mortaes de Julio Cesar Machado e de seu filho, para o jazigo-monumental, que ali se erigiu, por subscrição aberta entre os admiradores e os amigos do grande e querido escriptor.

Fazia precisamente n'esse dia quatro annos, que se dera a terrivel e inesperada tragedia da morte de Julio Cesar Machado, que encheu d'assombro, de surpresa e de dôr, Lisboa inteira.

Semanas antes, o filho unico do illustre escriptor, essa creança que foi «o seu Deus e o seu querido tyranno», como eloquentemente disse no cemiterio Pinheiro Chagas, suicidára se com um tiro de revolver.

Essa noticia causára profunda consternação em toda a gente, que conhecia o suicida, uma creança imberbe ainda, que apenas entrava na vida, cercado pelos carinhos amantissimos de seus amantissimos paes, por toda a gente que conhecia Julio Cesar Machado, que era um dos escriptores mais conhecidos, mais illustres e mais queridos de Portugal.

Passam-se dias, e esse drama pungente teve a sua repercussão terrivel, o seu epilogo tragico: o suicidio de Julio Machado, suicidio realiado em condições singularmente estranhas e mysteriosas, que consternaram profundamente a cidade.

E foi n'um periodo dolorosissimo para a patria, n'uma epoca tristemente assignalada na nossa historia contemporanea, e que nunca deverá apagar se do espirito dos portuguezes, que se deu essa terrivel tragedia intima, que a estima profunda e a consideração enorme de que gosava o seu desgraçado protagonista, transformaram immediatamente

n'uma grande dôr publica, profundamente sentidissima.

Na vespera, no dia 11 de janeiro, o governo portuguez recebeu o ultimatum do marquez de Salisbury.

No dia 12 de manhã, a noticia da affronta feita a Portugal era ainda pouco conhecida fóra dos circulos politicos, o povo era ainda completamente alheio a ella, e completamente alheia a ella, tambem, a pessoa que escreve estas linhas, toda immersa na dôr profunda — que ainda hoje a punge, ao cabo de quatro annos, como se fosse no mesmo dia — na dôr enorme da perda d'um amigo querido, d'um companheiro leal, d'um mestre illustre — a morte de Francisco Palha.

Na madrugada do dia 11, o grande escriptor exhalára o ultimo suspiro, e no dia 12, estranhos

a politica, estranhos a tudo que não fosse o sentimento dilacerante da saudade, que sobre nós pesava, fomos ao cemiterio dos Prazeres acompanhar á sua derradeira morada o cadaver do glorioso poeta e do amigo estremecido.

Horas depois de voltar do cemiterio, chegavamos a casa os jornaes da tarde, e fomos de repente arrancados á nossa grande dôr pela noticia estranha do tragico suicidio de Julio Cesar Machado, da medonha catastrophe da travessa do Moreira.

Ficámos como que assombrados e corremos a procurar mais informações, mais pormenores d'aquella inacreditavel desgraça.

Dirigimo nos ao theatro de S. Carlos, onde tinhamos a certeza de encontrar quem nos informasse, mas no theatro de S. Carlos não se fallava

no suicidio de Julio Cesar Machado, havia uma noticia mais recente e sensacional a dominar o espirito do publico: a noticia dos tumultos populares contra a Inglaterra, e poucos momentos depois de nós entrarmos na platéa de S. Carlos, en rava na sala uma grande onda de manifestantes, obrigando a interromper o espectáculo, dando vivas á Patria.

E durante muitas semanas, muitos mezes, a questão ingleza occupou todos os espiritos, dominou todas as preocupações, e essa grande convulsão nacional fez esquecer todos os outros acontecimentos, e desviou para outro lado a attenção do paiz.

E foi por isso que a morte de Julio Cesar Machado não foi tão fallada, não imperou tão fortemente na opinião publica, como teria acontecido se não coincidissem com o apparecimento da questão ingleza.

Os amigos intimos de Julio Cesar Machado, os admiradores mais devotados do illustre escriptor, que os tinha e muitos, da sua bella alma, do seu grande caracter e do seu brilhante talento, não se esqueceram, porém, do amigo querido e morto, e, reunindo se na redacção do *Correio da Manhã*, organisaram uma commissão para angariar donativos para se levantar um jazigo no alto de S. João a Julio Cesar Machado.

Essa commissão, que logo depois se completou com toda a redacção do *Correio da Ma-*



LUIZ EUGENIO LEITÃO

PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL DE LISBOA

(Cópia de uma photographia do sr. Camacho)

nhã, onde Julio Machado era adorado como um irmão querido, compôz-se, na primitiva, de Pinheiro Chagas, presidente, Jayme Victor e Moura Cabral, secretarios, e teve por thesoureiro um amigo intimo de Julio Machado, Paulo Plantier, um grande entusiasta das letras, uma verdadeira alma de artista, aberta sempre a todas as grandes idéas e a todos os grandes enthusiasmos, um raffiné das bellas artes e das bellas letras, que de ha muito, litteratos e artistas portuguezes, se habituaram a considerar como um querido companheiro.

Toda a imprensa de Lisboa, todos os amigos de Julio Cesar Machado, correram logo a auxiliar a iniciativa do *Correio da Manhã*, sem que fosse necessario solicitar a sua coadjuvação, honra lhes seja! e em poucos dias, com uma espontaneidade que é pouco vulgar e que mostra bem quanto era estimado Julio Cesar Machado, e quanto a sua memoria é querida, a subscrição elevava-se a avultada quantia.

A commissão metteu logo hombros ao trabalho, e, mercê da boa vontade que encontrou em todos a quem se dirigiu, no dia 12 do corrente inaugurou no cemitério do alto de S. João, o modesto monumento levantado á memoria do glorioso escriptor, um jazigo com a estatua de Julio Cesar Machado, feita em tamanho natural, em pedra, pelo eminente escultor o sr. Simões d'Almeida, estatua que o OCCIDENTE reproduzirá em gravura, n'um dos proximos numeros, acompanhada por um artigo do nosso presado collaborador e illustre critico d'arte, o sr. Zacharias d'Aça.

A inauguração do jazigo e a trasladação para elle dos cadáveres de Julio Cesar Machado e de seu filho, realisou-se como já dissemos, no dia 12, sem pompas, muito singelamente, mas com a concorrência de grande numero de amigos do illustre folhetinista, de jornalistas, actores, algumas senhoras, e numerosos alumnos do Instituto Industrial, de Lisboa, estabelecimento de que Julio Machado foi por muitos annos secretario e que n'esse dia fechou as suas portas em commemoração da triste cerimonia e da merecidissima homenagem.

A beira do tumulo fallou Pinheiro Chagas, o presidente da commissão e amigo dos mais intimos de Julio Machado, e fallou com aquella eloquencia brilhante que faz d'elle o mais glorioso dos nossos oradores, e com uma commoção sentida e sincera, que fez brilhar lagrimas em muitos olhos, segundo o testemunho de quem lá esteve, lagrimas que eu não vi, porque me impossibilitou de assistir a essa piedosa cerimonia a doença impertinente que ha um mez me impossibilita de sair de casa, mas em que acredito facilmente pelas lagrimas, que senti nos meus olhos, ao lér essas palavras, tão perfeitamente justas, tão despretenhosamente eloquentes, tão singelamente commovedoras!

\* \* \*

Registada aqui essa cerimonia e prestada esta homenagem á memoria gloriosa de Julio Cesar Machado, desejavamos consagrar o resto da nossa chronica aos outros acontecimentos importantes das ultimas semanas, acontecimentos que se tem resumido exclusivamente em acontecimentos theatraes, pois está quasi que provado que no inverno em Lisboa fóra do theatro não ha assumptos que chamem a attenção.

O theatro de S. Carlos continua a ser sem subsidio, do mesmo modo que d'antes era com subsidio, o acontecimento lisboeta por excellencia.

Enchentes sobre enchentes, peças novas sobre peças novas, publico contente, empreza a ganhar dinheiro — o que prova o que muitas vezes aqui dissemos, que o theatro de S. Carlos sem subsidio era muito melhor para qualquer empresario que fosse habil do que o theatro com subsidio e com o rosario de obrigações que esse subsidio lhe impunha — eis o resumo do que tem sido até agora a epoca lyrica.

O sr. Freitas Brito que é muito habil e que conhece muito o nosso publico, comprehendeu o que esse publico queria e fez-lhe a vontade com grande gaudío d'elle e com bom interesse seu.

O publico quer variedade: variedade de operas e variedade de artistas. Uma opera por mais bem cantada que seja, por mais cuidadosamente ensaiada e posta em scena que se apresente, á terceira ou quarta recita tem o theatro ás moscas: opera nova embora o desempenho deixe a desejar, embora a falta de ensaios se faça sentir, dá sempre enchentes á cunha. Um artista por mais sympathias, que conquistou, em vindo duas epochas a fio já não enthusiasma; se chega a vir tres desagrada completamente — os exemplos

estão-me a pullular tanto no bico da penna, que não vale a pena citá-los.

Diz um velho proverbio que o hospede e o peixe aos tres dias fede. Podia-se accrescentar ao peixe e ao hospede, o cantor, e substituindo dias por epochas, o proverbio seria d'uma verdade indiscutivel.

O sr. Freitas Brito o que faz, e no que faz faz muito bem? Dá duas e tres operas novas por semana e para ás suas cincoenta noites traz dois turnos de cantores: O Kaschman está para se ir embora e vem substituí-lo o celebre Maurel: o tenor Manaker está já a fazer as malas, e o tenor Duc vem já caminho da fronteira.

Os cantores não aquecem lugar em S. Carlos, nem as operas envelhecem no cartaz, e é d'isto que o publico gosta na sua volubilidade meridional, é assim que o theatro consegue estar todas as noites cheio.

Na escolha do repertorio a empreza de S. Carlos tem tido tambem dedo feliz, tem se affastado um pouco do repertorio sedico, visto e revisto todos os annos e quando vae a esse repertorio traz de lá — excepção feita da *Favorita* — as operas mais queridas do publico como os *Huguenottes*, o *Othello* e o *Hamlet*.

O *Hamlet* tinha entre nós uma tradição duplamente gloriosa — a tradição do Kaschman, e a tradição da Devriés.

Bastou annunciar-se a famosa opera de Ambroise Thomas, tendo o Kaschmann por protagonista, para que fervessem os empenhos por bilhetes na primeira noite, e para que a peça tivesse uma ovação. E o publico tão contente estava, que nem sequer reparou, na sua alegria, não só em que a opera era cantada sem o ultimo acto, coisa a que já está costumado, mas até em que, n'aquelles actos que se cantavam, lhe tiravam um dos trechos mais delicados da opera, um dos trechos capitães do *Hamlet*, o monologo!

Pois o publico nem deu pela falta d'elle, e applaudiu muito a opera, e voltou a applaudil-a, pelo que nunca as mãos lhe doam, porque a opera é muito bonita e porque nos dizem — porque nós curamos apenas por informações, porque a falta de saúde nos obriga a commetter esta falta de chronista — que a sr.<sup>a</sup> Darclée, se não foi a mais primorosa das Ophelias que teem cantado em S. Carlos, fez muito correctamente a opera, e que o Kaschmann teve coisas esplendidas na opera, sobretudo o brinde, a scena com Ophelia — a scena famosa da tragedia que é o assumpto d'uma das nossas gravuras de hoje — e a scena dos retratos. E depois do *Hamlet* já se deu a *Aida*, a *Favorita*, e já se annuncia a *Traviata* e a *Manon*, de Puccini, opera nova em Lisboa, que em Italia fez grande successo, e á que esperamos já poder assistir para dar d'ella conta minuciosa aos nossos leitores.

Gervasio Lobato.



## AS NOSSAS GRAVURAS

LUIZ EUGENIO LEITÃO

PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL DE LISBOA

Augmentamos hoje a nossa já vasta galeria de retratos de homens illustres e cidadãos prestimosos, com o do honrado e bemquisto negociante matriculado da praça de Lisboa, o sr. Luiz Eugenio Leitão, e, como é nosso costume, vamos acompanhá-lo de breves traços biographicos, visto não termos obtido informações que nos habilitassem a trabalho de maior folego, como seria o nosso desejo, se os alcançassemos e o espaço de que dispomos o comportasse.

O nome que registamos hoje nas nossas columnas é já bem conhecido e bem considerado, porque o homem que o recebeu de um pae amantissimo e estremecido, tem sabido elevá-lo por actos de patriotismo acrisolado, de inconcussa honradez e de inquebrantavel lealdade.

E já que fallámos d'esse pae amantissimo e estremecido, vem de molde citar tambem o seu nome tão respeitado na classe commercial de todo o paiz, tão apontado como modelo de probidade e de dedicação civica, o de um portuguez velho, de sangue generoso, que deixou uma memoria querida e exemplos, que seguidos pelo filho carinhoso lhe franquearam a carreira que tem feito com tanto brilho para esse nome abençoado.

O sr. Antonio José Rodrigues Leitão, negociante muito venerado, muito activo e emprehendedor, occupando logares importantes em bancos e companhias esmerou-se na educação que proporcionou a seu filho, o sr. Luiz Eugenio Leitão, e com tanto carinho olhou sempre pelo seu futuro que jamais poderá extinguir-se a saudade de tão desvelado guia e de tão extremoso mestre.

Pó-le dizer-se que foi elle, que, com os seus conselhos e com o seu exemplo, fez de uma creança intelligente um homem reflectido e d'este um cidadão util a si e á sua patria, honra da sua individualidade e honra da sua classe.

Como nas grandes familias da aristocracia, os filhos abraçavam a carreira dos paes, para manterem as tradições gloriosas dos seus brasões, tambem aqui, o filho, para continuar tradições não menos honrosas, seguiu a profissão do pae e entregou-se á vida commercial, depois de preparado pelo estudo e por uma educação litteraria, que já as exigencias do tempo impunham, completada por uma viagem ao estrangeiro, como aperfeiçoamento das linguas e conveniencia de visitar os grandes centros commerciaes da Europa.

Entrando na vida activa, Luiz Eugenio Leitão tornou-se ainda bem novo tão conhecido como estimado pelos seus collegas do corpo do commercio de Lisboa e a ninguém surprehendeu vel o eleito secretario da Associação Commercial, fazendo parte de uma direcção composta de negociantes altamente conceituados na praça e de outros mais novos, moços de grande talento e de bello porvir, que, como elle, se elevaram pelo proprio merito e attingiram as mais invejaveis posições.

Eram tantos os recursos do nosso illustre biographado, de tantos elementos de actividade elle dispunha e ao mesmo tempo tão amavel é o seu genio, incapaz de resistir á pressão de amigos, que o commerciante teve de ser tambem industrial; e se o primeiro havia conquistado segura reputação de esclarecido, de integro e de probo, o segundo é apontado, sem favor nem lisonja, como administrador illustrado, zeloso e honesto.

Na Companhia da Real Fabrica de Fiação de Thomar, figura de ha muito o seu nome compondo aquella trindade sympathica de directores sollicitos e dedicados, que teem operado verdadeiros milagres pela tenacidade intelligente e pela verdadeira intuição do dever; industriaes com todas as energias para os modernos processos, aliadas á prudencia inseparavel do senso pratico.

Da sua aparição no mundo da industria resultou a convivencia com os homens mais considerados d'essa classe, que immediatamente o chamaram para o seu lado, vencendo reservas e repugnancias dictadas pela mais requintada modestia e appellando para o seu civismo e para o interesse publico a que tudo deve sacrificar um bom e honrado cidadão.

Na Associação Industrial Portugueza occupou elle um logar na direcção presidida por Antonio Augusto de Aguiar, que lhe dedicava fraternal affecto, em tão grande conta tinha as suas bellas qualidades e as suas variadas aptidões; e aceitando o logar de Thesoureiro, desempenhou a tarefa mais pesada e o encargo de maior responsabilidade d'essa direcção, desde que se começou a tratar da Exposição industrial portugueza em 1888, até que ella findou.

E não se pense que só o preocupavam os cuidados na parte puramente material das funcções que a custo accetára, pois a sua actividade incançavel revelava-se nas repetidas reuniões da direcção, nas conferencias com os ministros, nas diligencias junto dos empregados superiores das diversas secretarias d'Estado, nas interminaveis discussões com os fornecedores, com os mestres d'obras, com os empregados, com os expositores, ouvindo e attendendo a todos, resolvendo as maiores difficuldades, algumas que ao principio pareciam insolúveis, com uma serenidade, uma prudencia e um tacto raro, que bem davam a medida dos seus superiores dotes.

Como se não bastasse esse enorme serviço prestado á industria nacional, o sr. Luiz Eugenio Leitão resignou-se a continuar a ser thesoureiro da Associação Industrial, quando esta aceitou a direcção da secção dos productos fabris, que figuraram na grande exposição internacional de 1889 e ainda n'esta incommoda e enfadonha commissão se houve com um desinteresse e uma boa vontade acima de todo o elogio.

Não podiam passar desaperecebidas ao publico tantas aptidões provadas, como não podia ficar ignorado tanto patriotismo em serviços relevantes ao commercio e á industria e por isso os municipios de Lisboa ao organisarem a lista da sua vereação, e caprichando em escolher cidadãos que

mais se recommendavam pela sua illustração e pelo seu prestimo, lembraram-se como era natural, do nome do sr. Luiz Eugenio Leitão.

Essa vereação teve uma existencia ephemera. Havia muito a esperar dos talentos e do civismo dos seus membros, mas a politica determinou a sua dissolução e elles nada mais fizeram do que revelar os seus nobres intuitos de serem uteis ao municipio.

Comtudo ainda com relação á sua rapida passagem pela municipalidade de Lisboa, ha um facto que muito honra o caracter do actual presidente da Associação Commercial de Lisboa e que é de justiça registrar.

Referimo nos ás instancias que se lhe fizeram para que o seu nome entrasse na lista de uma commissão executiva nomeada pelo governo e a recusa formal e persistente com que s. ex.<sup>a</sup> respondeu a tão repetidas sollicitações, que aliás importavam o reconhecimento dos seus altos meritos e do benevolente acolhimento, que o governo contava que havia de ter uma tão feliz escolha.

Mas para os homens de bem a lealdade a tudo prevalece e o sr. Luiz Eugenio Leitão, signatario de um protesto contra o acto da dissolução da camara a que pertencera, entendeu que essa circumstancia o impedia de aceitar um logar n'aquella commissão sem quebrar os laços de uma solidariedade com que elle se honrava e sem trahir os seus collegas sacrificados aos caprichos do governo.

Esse honroso facto, sem que causasse surpresa, porque diferente procedimento não era de esperar de quem possui os mais honrados sentimentos, fez comtudo augmentar as sympathias e os respeitoes publicos por tão distincto cavalheiro.

Mas se á sua competencia para os assumptos que se prendiam com os mais altos interesses da industria cada vez se punha mais á prova, juntando-se a sua activa collaboração nos trabalhos da Associação Commercial, como dos mais constantes e mais activos membros da sua direcção, vagando a presidencia, o seu nome, como que foi aclamado por todo o corpo de commercio de Lisboa, para a preencher.

Tão prompta e espontanea fôra, porem, a indicação, como difficil e forçada foi a annuencia. A modestia vinha mais uma vez insurgir se contra o egoismo geral, mas teve de ceder ás imposições da amizade e á consciencia do dever.

Elevado á presidencia da primeira associação commercial do paiz, o sr. Luiz Eugenio Leitão tinha seguido passo a passo, como guiado pelos conselhos e pelos exemplos do seu carinhoso pae, o caminho que este fizera, sentando-se na mesma cadeira, que elle como vice presidente da referida associação tambem occupara; tornando se ainda mais grato ao seu coração de filho modelo essa coincidência, quando como seu pae, só cedendo a instancias reiteradas e nunca por alicitações directas, ou indirectas instigações se elevou tão alto.

E' de hontem, é de hoje, o que se passou e o que se está passando entre a Associação Commercial de Lisboa e o governo, e não ha, n'este momento, ninguém no paiz inteiro, que ignore o papel importante que tem desempenhado o sr. Luiz Eugenio Leitão em defeza da honrada classe, que a associação, a que preside, representa.

Não se pôde ser nem mais firme, nem mais energico, nem mais independente, nem mais leal do que elle, e igualmente nenhum outro seria ao mesmo tempo nem mais severo, nem mais prudente, nem mais tolerante, nem mais patriota.

Entrando a Associação Commercial de Lisboa em luta aberta com o governo, a proposito da lei da contribuição industrial que o parlamento approvára sem maior reflexão, como o obrigava o seu logar de presidente, coube-lhe dirigir o movimento de reacção a essa medida e fazer frente ás imposições do poder central.

Era melindrosa a situação; cheia de responsabilidades o encargo.

Batendo-se a Associação em um campo onde era facil tropeçar nos barrancos da politica, o que lhe tiraria a força que lhe vinha da sua absoluta isenção partidaria, era preciso proceder com a maxima cautella, sem precipitações, mas tambem sem pusilanidades.

A exaltação dos animos, reflexo da justiça da causa por que pugnava o commercio, os protestos constantes e sempre vehementes, que iam ecoar nas salas das sessões da Associação, a expectativa da classe commercial de todo o paiz e todas as suas esperanças na mesma Associação, de um lado, e do outro, as subtilidades, os adiantamentos, a má vontade, os sophismas, os subterfugios do governo collocavam o sr. Luiz Eugenio Leitão em uma situação difficilissima e apurada, da qual só podia sahir triumphante pela auctoridade do seu nome, pelo seu passado honroso, pela

integridade e escrupulo com que sempre procedera em todos os actos da sua vida, pela lealdade de que ninguém podia duvidar e pela confiança inteira e completa de todo o commercio portuguez no seu caracter, na sua intelligencia e no seu civismo.

E assim foi, com effeito. Esse commercio deixou-se guiar pelo illustre presidente da Associação Commercial de Lisboa, seguiu-o resolutamente e d'ahi esse imponente Congresso, que definiu a posição de todas as associações commerciaes e industriaes do paiz perante o governo, na questão da contribuição industrial.

O modo por que foi presidido esse Congresso, a ordem que reinou em todas as suas sessões, as sensatas resoluções tomadas, o alcance de uma tal reunião, tudo isto que tanto honra as respeitaveis classes alli representadas, faz tambem o maior elogio da elevada capacidade, da cordura, da prudencia, do bom senso, do espirito de justiça e do animo frio e reflectido do sr. Luiz Eugenio Leitão.

Não sabemos o que resultará d'esse Congresso e dos esforços devotados da Associação Commercial de Lisboa, seguida de todas as demais associações commerciaes e industriaes, mas se a intransigencia do governo produzir qualquer abalo, alguma convulsão, demonstrações ruidosas que ponham em perigo a paz publica, a Historia registrará, que para evitar tão grandes males é que aquella associação tomou a nobre e energica attitude que ninguém de boa fé ainda ousou condemnar, e que todos os homens independentes calorosamente applaudem.

E n'essa pagina da Historia, o nome de Luiz Eugenio Leitão terá um logar de honra, como o de um bom cidadão e de um leal patriota. Poucos terão alcançado com tanta sinceridade, com tanto desprendimento e com tanto desassombro, distincção tão subida e tão merecido galardão.

## ESTAÇÃO SUBMARINA FONTES

(Continuado do n.º 512)

Em 24 de outubro do mesmo anno, o tenente Fontes esquecendo o silencio com que era recebido, requereu a construcção no arsenal da marinha de um pequeno modelo da sua estação para com elle demonstrar praticamente que o seu projecto era exequivel.

Este requerimento já o demos no OCCIDENTE n.º 536.

Em 19 de agosto de 1893 o tenente Fontes apresentou o seguinte requerimento, no qual participava estar terminada a construcção do modelo e pedia que lhe fossem auctorizadas algumas despesas que tinha feito sem auctorisação:

Illustrissimo Excellentissimo Senhor Presidente do Conselho do Almirantado — João Augusto de Fontes Pereira de Mello primeiro tenente da armada secretario e ajudante d'ordens de Sua Excellencia o Inspector do Arsenal da Marinha, attendendo ás circumstancias extraordinarias que de ha muito se tem dado na construcção do barco submarino de seu projecto, entendo que é dever seu desviar d'esse veneravel conselho responsabilidades que lhe não pertencem, vem mui respeitoavelmente expôr a Vossa Excellencia os seguintes factos:

Pela nota numero seiscentos e trinta e seis (636) de tres de novembro de mil oitocentos noventa e dois d'esse illustre conselho em vista d'uma requisição de compra de material para a construcção do modelo do referido barco, cuja importancia excedia as verbas já auctorizadas, foi-lhe ordenado que informasse se considerava aquella a ultima despesa a fazer com a conclusão do barco e designasse qual o orçamento definitivo, porquanto se não podia auctorisar uma despesa cujo alcance final se não soubesse de antemão. Esta ordem teve cumprimento cabal da parte do requerente, o qual informou que com o material pedido n'aquella requisição ficava existindo todo o material preciso para o acabamento da referida construcção; e por isso dadas as referencias da nota do material, ficava fechado o orçamento com aquella verba.

Mais tarde, na sequência dos trabalhos o requerente viu-se na imperiosa necessidade de fazer successivas despesas motivadas por graves e imprevistas difficuldades de construcção, e por varias alterações emapparelhos essenciaes oconselhados por experiencia que pessoalmente fez. Mas em vista dos termos da nota numero seiscentos e trinta e seis e dos seus receios de que a obra não fosse a termo o requerente temendo que um novo pedido n'estas condições parecesse um pretexto para suspender a construcção, ou para provocar

ordem para que ella terminasse, entendeu que era do seu dever chamar a si todas essas despesas, pagando-as por sua conta e risco, despesas que attingiam a somma de trezentos e oitenta mil seis (Réis 380.000).

Certo é que estas despesas foram occasionadas principalmente pela mão d'obra a que aliás se não referira a nota numero seiscentos e trinta e seis, mas não é menos certo que o requerente nunca hesitou em concorrer por todas as formas possiveis para a construcção do seu barco. E alem d'isto, nunca fez nem faria a profunda injustiça de imaginar que Vossa Excellencia permitiria que lhe tirassem o serviço ou o direito de mandar custear o acabamento d'esta obra, que foi aliás destinada e offerecida á patria commum, para cuja defeza foi concebida.

Hoje que o modelo está concluido e que portanto desapareceram os seus receios (tanto mais que o barco já foi lançado a agua) estando assentes e experimentados os seus orgãos principaes hoje que liquidadas as despesas se pode affirmar que nenhuma outra haverá a fazer, a não ser a das experiencias, o requerente vem pedir a Vossa Excellencia que, pelas razões apresentadas, tenha por conveniente e justo auctorisar a despesa, feita que será devidamente documentada, ordenando um supplemento d'aquelle valor ás verbas já auctorizadas, pelo que

Pede a Vossa Excellencia  
lhe defira como requer  
Lisboa 19 de Agosto de 1893.

(a) João Augusto de Fontes Pereira de Mello,  
1.º tenente

Em 21 de setembro do mesmo anno, depois de ter feito varias experiencias preparatorias sempre com excellentes successos, o tenente Fontes participava officialmente achar se o modelo da sua estação prompto para as experiencias a que se referiu o seu requerimento de 24 de outubro de 1891.

Em 18 e 31 de outubro de 1893 fizeram se as experiencias officiaes, ás quaes já o OCCIDENTE se referiu no n.º 536.

Em 8 de novembro do mesmo anno a commissão official entregou o seu novo relatório.

Em 18 de novembro foi entregue ao tenente Fontes uma copia deste documento que é como segue:

2.º Relatório da commissão:

A commissão nomeada em portaria de 10 de dezembro de 1890, para apreciar e emittir parecer sobre um projecto de estação submarina torpedeira, elaborado pelo primeiro tenente da armada João Augusto de Fontes Pereira de Mello, e convocada por ordem do Conselho do Almirantado, de 27 de setembro ultimo, para proceder ás experiencias que julgasse convenientes, com o modelo construido e apresentado pelo sobredito official, para emittir parecer sobre a utilidade do referido submarino como machina de guerra, vem desempenhar-se d'esta missão relatando os trabalhos que executou para dar cumprimento a esta ordem.

Resolveu em primeiro logar a commissão, como questão previa, que podendo haver perigo para o auctor do medelo em fazer experiencias em aguas profundas, onduladas ou de forte corrente, a prudencia aconselhava a não as indicar, limitando-se a assistir áquellas que o auctor julgasse praticaveis sem risco, e portanto tratou esta commissão de ouvir as suas declarações, relativamente aos fins a que destinava o seu modelo e ás experiencias que podia executar, para demonstrar que elle satisfazia a esses fins.

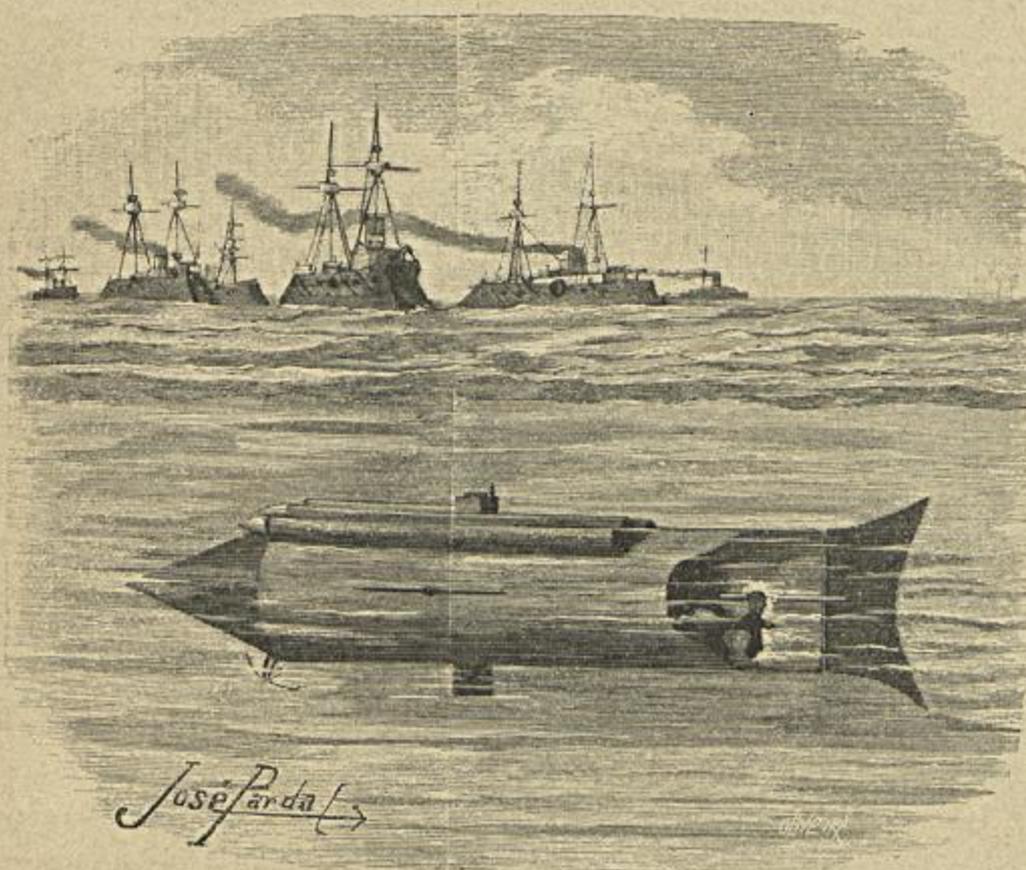
Pelo auctor do medelo foi dito perante a commissão, que a estação submarina que projectára destinava-se a um fim, e que o modelo construido a outro, o qual era unicamente demonstrar a estabilidade e razão do seu systema de submarino; que n'este sentido havia requerido ao governo auctorisação para o fabrico do referido modelo; e que n'estes termos tinha sido o despacho dado ao seu requerimento.

Quanto ás experiencias que pôde realizar com o seu modelo, resumem se ellas a fazer immergir e emergir a estação submarina horizontalmente ou inclinada, mostrando sempre estabilidade de equilibrio na posição em que manobrar; carregando mesmo as extremidades ou os lados com pesos dentro de certos limites e matendo se ainda o equilibrio; isto em aguas tranquillas ou de corrente fraca, porque em aguas correntes ou agitadas para as experiencias de pôpa á prôa, o barco sómente mantem o equilibrio quando a compenente vertical do esforço da amarra não ascenda 120 kilogrammas aproximadamente.



REAL. THEATRO DE S. CARLOS — HAMLET — Vid. *Chronica Occident.*

## ESTAÇÃO SUBMARINA FONTES



PROJECTO PRIMITIVO

(Desenho do sr. José Parda)

Declarou também que depois da estação submergida e convenientemente tareada as manobras de escursão, inclinação ou subida, não eram feitas por meio de alteração de lastro no interior do barco, e que de dentro d'este não havia maneira de manobrar com as amarras.

Relativamente ao systema de visão, disse o auctor que o seu apparatus de visão não era completo, podia ser considerado apenas como rudimentar e até imperfeito, não podendo fazer com elle experiencias completas, mas em todo o caso considerava-o realisado em harmonia com a sua proposta.

A commissão em vista do exposto pelo auctor do modelo e se attendesse somente ao sentido restricto da ordem da convocação, podia não ter proseguido nos seus trabalhos, porquanto o modelo não se presta a fazer as experiencias que a habilitem a emitir parecer sobre a utilidade do submarino como machina de guerra; mas desejando informar devidamente o Conselho do Almirantado resolveu assistir ás experiencias indicadas pela tenente Fontes.

As primeiras experiencias a que a commissão assistiu realisaram-se por fóra das portas do dique do Arsenal da Marinha, e entre as cortinas exteriores do mesmo dique, em aguas tranquillas e de deminuta profundidade, visando unicamente ás provas de estabilidade e immersão.

A commissão viu por tres vezes mergulhar o modelo e outras tantas vezes subir á superficie, inclinando a uma e outra extremidade, conservando sempre estabilidade de equilibrio e mantendo a mesmo depois de retirar um pezo de 60 kilogrammas que estava sobre a prôa, isto em aguas tranquillas e estando o interior do barco em communicação com a atmosphaera.

As seguintes experiencias feitas a uns trinta e tantos metros de distancia da margem oeste do Arsenal da Marinha e em 4.<sup>m</sup>5 de profundidade, em sitio de deminuta corrente marítima, destinavam-se ás provas de visão, as quaes se realisaram completamente nas circumstancias indicadas pelo auctor, convindo notar que ainda que o apparatus de visão fosse perfeito não seria possível julgar da sua efficacia unicamente pelas experiencias que o inventor pôde fazer com este modelo.

Em conclusão, em vista das declarações do auctor, e das experiencias realisadas, tem esta com-

missão a formular o parecer de que não pôde julgar da utilidade da estação submarina definitiva como uma machina de guerra, visto que o mode-

lo não foi construido para aquelle fim, como declara o proprio auctor e a commissão verificou; e também não pôde emitir opinião completa sobre a estabilidade do systema em geral, porque para a fundamentar eram necessarias outras experiencias em aguas correntes ou agitadas, ás quaes o inventor declara que o modelo não se presta por não ter as dimensões da estação por elle projectada.

Em quanto ás considerações technicas que poderiam ligar-se a estas experiencias a commissão reporta-se ao relatório que já apresentou sobre o projecto primitivo em 27 de janeiro de 1891.

Pelas actas das sessões d'esta commissão e pela descripção das experiencias a que assistiu, se veem os fundamentos d'este parecer.

Sala das sessões, 8 de novembro de 1893.

Manuel Maria Dias Nunes de Carvalho, capitão de mar e guerra, presidente.

José Maria Teixeira Guimarães, capitão de fragata.

João Maria Galhardo, lente da Escola Naval.

Ernesto Carlos Rosa, lente da Escola Naval.

Antonio Arthur Baldaque da Silva, capitão-tenente, engenheiro hydrographo.

Este relatório é concebido em termos taes, e por tal forma n'elle se confundem e trocam as palavras *estação* e *modelo* que dispensa qualquer comentario.

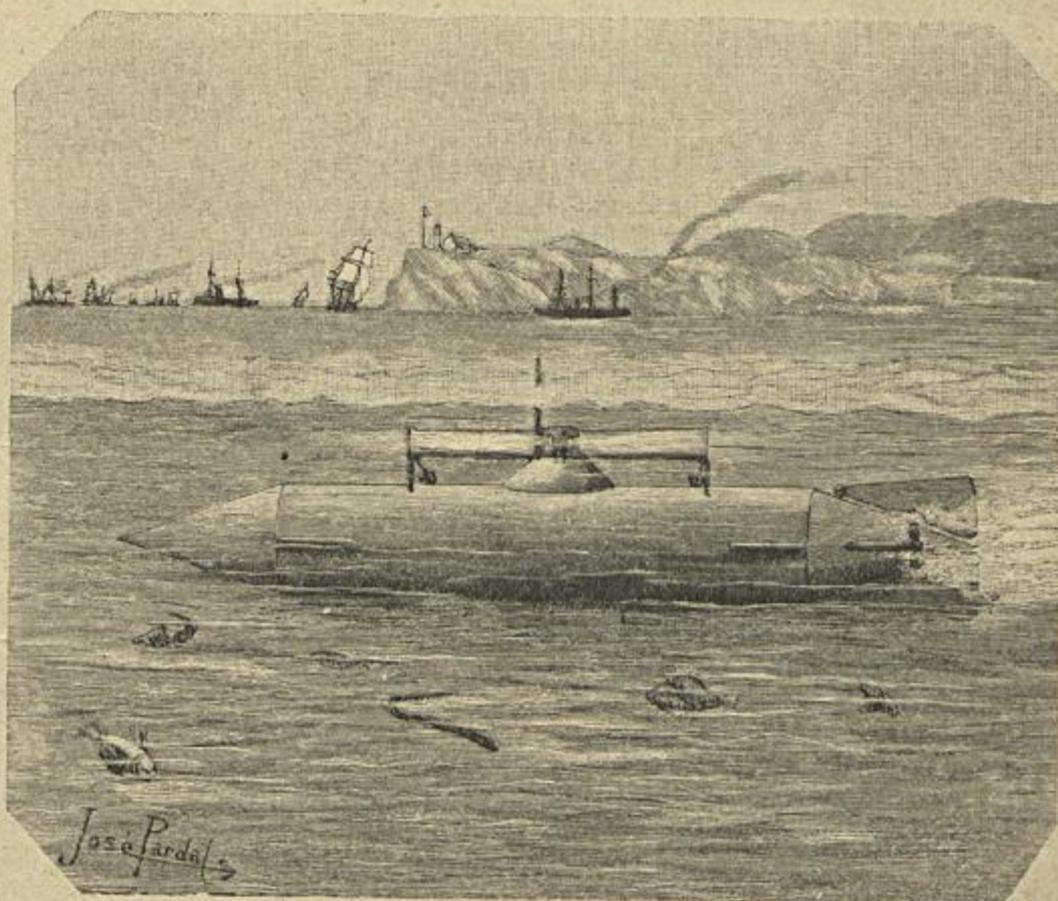
Cabe agora darmos uma descripção da estação definitiva, visto o auctor haver feito algumas alterações ao projecto primitivo e qual o OCCIDENTE já apresentou em gravura no seu n.º 418, (outubro de 1890), gravura que novamente reproduzimos.

*Estação submarina Fontes.*

(Modelo economico).

O casco, todo construido de chapa de aço, pôde dizer-se constituido por um cylindro com quatorze metros de comprimento e tres e meio metros de diametro terminado por duas pyramides conicas com sete metros de eixo, servindo uma de prôa e a outra de pôpa.

Ambas estas pyramides são fechadas na base, deixando o barco dividido em tres compartimen-



ULTIMO PROJECTO — (MODELO ECONOMICO)

(Desenho do sr. José Parda)

tos distintos, e são divididos horizontalmente por uma antepára que passa um pouco acima do centro do círculo que lhe serve de base, sendo a parte que fica abaixo d'esta ainda dividida ao meio por outra antepára vertical, ficando cada uma dividida internamente em tres compartimentos estanques.

Os compartimentos superiores são destinados á arrecadação de utensílios necessarios ao serviço do barco, e os inferiores são quatro depositos para agua.

A prôa, isto é, a pyramide cônica que fórma prôa, é lisa; a pôpa é atravessada verticalmente por um eixo que sustenta duas partes eguaes de leme, uma em cada extremidade, eixo que é abraçado por uma meia-lua dentro do compartimento superior.

D'esta meia-lua partem as gualdropes para o governo do leme, passando em caixas de estopas para dentro do corpo central da embarcação.

Na pôpa ha dois helices, um de cada lado, accionados cada um por dois motores electricos da força de quinze cavallos cada um.

O cylindro que fórma o corpo central e principal, é dividido em tres compartimentos estanques e tem na parte inferior tres cavidades ou camaras abertas para fóra, sendo uma em cada extremidade e uma a meio; na parte superior eleva-se a cupula, também a meio, guarnecida de vigias e do aparelho de visão, constituindo assim o posto de observação.

O aparelho de visão é um tubo de ferro forjado, com cinco metros e meio de comprimento, tres decímetros de diametro exterior e um centimetro de espessura, terminado na sua parte superior por um pequeno tubo também de ferro, medindo sessenta centímetros d'altura e oito centímetros de diametro exterior.

Este tubo, dentro do qual se acha combinado um systema de espelhos, atravessa o costado elevando-se acima da cupula, pôde girar em torno do seu eixo e tem movimento no sentido vertical, podendo recolher-se em parte dentro do barco.

As camaras são circulares, medem dois metros de altura e um metro de diametro, são munidas de ante-camaras e preparadas por fórma a n'ellas poder entrar um homem achando se o barco debaixo d'agua. N'estas circumstancias, as camaras e ante-camaras estão cheias d'ar que é renovado pela acção d'uma poderosa bomba pneumática de compressão, e pelo ar contido em quatro depositos d'ar comprimido a grande pressão.

A descida e a subida são operadas fazendo entrar ou sahir agua d'uns depositos para esse fim apropriados, pelo auxilio de uns lemes que possuem lateralmente, ou ainda pela acção d'um aparelho especial que lhe garante rigorosa estabilidade entre aguas, mesmo no seio d'uma corrente.

Com este aparelho o barco pôde vir á superficie do liquido sem expellir agua e mergulhar sem metter nenhuma.

Está em communicação directa com a atmosfera quando fundeado entre aguas, tendo o ar interior constantemente renovado pela acção de duas ventoinhas.

O motor é a electricidade contida em accumuladores, e o armamento da estação consta de quatro grandes torpedos dirigiveis do typo Nordenfeldt (electricos), carregados com cento e cincoenta kilos de materia explosiva.

Estes torpedos são collocados longitudinalmente na parte superior do barco, abraçados dois de cada lado da cupula, e tem um percurso de tres mil e seiscentos metros, o que, attendendo á impossibilidade de se poder descobrir a parte superior do tubo optico a esta distancia, e á facilidade de se poderem dirigir os torpedos sobre qualquer ponto, faz com que o inimigo se veja forçado a conservar-se a uma distancia muitissimo grande.

A iluminação interna do barco é feita com lampadas de incandescencia e tubos de Geisseler; a externa é feita por dois poderosos focos de luz electrica collocados, um na prôa, outro na pôpa, por lampadas d'incandescencia distribuidas convenientemente nas camaras, e principalmente por um poderoso projector electrico preparado na cupula para poder funcionar achando-se o barco á superficie ou mergulhado.

(Continúa).

Grumete.

## JOSÉ BENOLIEL

Do sr. José Benoliel podemos affirmar que a sua modestia é tão grande como o seu saber e o seu talento.

Na epocha que decorre é difficil achar o merito verdadeiro tornado mais excelso por uma modestia

positiva. Ao vermos o sr. Benoliel não pensamos no seu valor, assim acontece muitas vezes: na concha escurecida pelas aguas, não concebemos que ella guarde, em si, a pérola brilhante segregada pelo mollusco nas bivalvas estriadas, tão singelas exteriormente quanto polidas e nacaradas no interior.

Tendo nascido em Tanger, o sr. José Benoliel, um pouco antes da guerra hispano-marroquina, foi por seus paes conduzido para Hespanha pois que sendo israelitas assim fugiam ás crueldades que as hordas barbaras praticavam contra os judeus de Marrocos. Por esta cauza começou na idade de dois annos ouvindo o hespanhol e o hebraico geralmente fallado pela colonia judaica, e não só estas duas linguas mas comó também o arabe vulgar. Muito novo ainda mereceu o ser escolhido d'entre os numerosos alumnos da escola de Tanger para ser enviado á Escola Oriental de Paris, então annexa ao Seminario Israelita, onde cursou brilhantemente. Estudou a fundo o francez e com tal amor que em breve sabia de cór os melhores classicos.

Não o acharam indifferente as sciencias mathematicas e physicas, a historia e a musica, pois que mereceu sempre os encomios dos seus professores.

Mas, o que para elle formava um culto especial era o estudo dos textos biblicos. A Biblia era o seu livro favorito, a sua leitura predilecta, a sua companheira inseparavel.

Tendo, aos dezoito annos, acabado os seus estudos, deixou Paris para ir exercer o professorado nas Escolas da Alliança Israelita Universal, primeiro em Jaffa aonde se familiarizou com o arabe oriental e em seguida em Tanger e Mogador.

Por encommodos de saude viu-se obrigado o sr. José Benoliel a deixar o Oriente e vir estabelecer-se em Portugal. Uma vez, aqui logo creou innumerous amigos entre os homens de letras e de sciencias, de modo que — eis as suas proprias palavras: «a nobreza e a delicadeza que formam o fundo do caracter de todo o Português, o captivaram tanto que adoptou a nossa nacionalidade a fim de estreitar os laços que já o ligavam ao nosso paiz, a patria dos seus avós.»

Não ambicionando senão o ser util, encarregou-se voluntaria e gratuitamente o illustre portuguez de dirigir, durante tres annos, uma cadeira livre de hebraico no *Curso Superior de Letras* e uma outra de arabe na *Academia de Estudos Livres*.

Por occasião do conflicto luso-inglez varias vezes fustigou com a penna a conducta dos nossos adversarios, em versos francezes cheios de sentimento patriotico e de tal vigor que lhe valeram a primeira palma de bronze no concurso poetico de Toulouse e o-titulo de membro da Academia de Mont-Real.

O grande romanista portuguez, o illustre phonetico, o sr. A. R. Gonçalves Vianna, n'um artigo publicado em 1870 no n.º 2 da *Revista Lusitana*, dizia assim alludindo ao sr. José Benoliel:

«Aproveito também (esta occasião) para congratular-me com o publico por ver afinal estabelecido, ainda que em instituto particular, a *Academia de Estudos Livres*, um curso de arabe vulgar, graças ao desinteressado zelo do talentoso e habil hebraista que citei (J. Benoliel), e que a todo o seu fundo conhecimento dos textos biblicos e á familiaridade que tem com o arabe vulgar, reúne a preda, hoje rarissima, de ser um primoroso calligrapho, tanto na letra hebraica quadrada e cursiva, como na arabica e na usual romana, acrescentando ainda a este já valioso cabedal o ser um poeta esmerado em francez e um vigoroso prosador na lingua da sua patria adoptiva, a portugueza.

Não é isto um pregão que faço, é um preito de justiça que lhe tributo, porque entendo que o merece.»

Terminando o contorno d'este escurso biographico, acrescentaremos, também, que ha seis annos que o governo confiou ao sr. Benoliel a direcção do curso de francez na escola industrial *Marquez de Pombal*, onde tem conquistado de todos os que o conhecem: chefes, amigos collegas e discipulos, um respeito e uma sympathia inexcitaveis.

É o idioma hebraico a mais bella das linguas semiticas, é tão simples e tão candido quanto variado em suas fórmas e imagens, tão conciso e formoso quanto rico de rythmos e cadencias.

Eia, pois, quanto de digno se nos evidencia este idioma encantador, para se pôr ao serviço da nobre lingua portugueza, sempre fidalga quando manejada por Latino ou Camillo; sempre bella quando usada como a trabalhou Camões; sempre

melodiosa quando ouvida em dicção correctá d'um melista; sempre amada quando se reconhece como a lingua materna; sempre pura e innocente quando sahida dos labios infantis em meigos balbucios, em doces e ternas exclamações.

E sendo assim, também, essa lingua semitica, tão cheia de bellezas, porque se não traduziria já para ella o grande poema portuguez? É facil de responder: com iderae as innumeraveis difficuldades que se apresentariam n'uma lingua cujo genesis tanto se affastou. Attentae a que nem nas proprias linguas irmãs do portuguez, nem mesmo nas mais affins se encontra traduzido equivalentemente.

Como seria, pois, possível n'um idioma tão differente do nosso, tão diverso no tempo e no espaço, dar as fórmas mais intrinsecas, d'entre todas as que n'elle se encontram, e que mais se congruenciassem com as, relativamente, modernas da lingua camoneana.

Differente no tempo, escrevemos nós, porque o melopedico e harmonioso hebraico remonta a mais de dois mil annos antes do portuguez; diverso no espaço, dissémos acima, porque o termo de outr'ora não pode bastar a exprimir a ideia actual, porque o vocabulo de hontem não pôde significar o pensamento de hoje.

Como, pois, com taes elementos, com tão heterogeneos materiaes, erigir, produzir e edificar uma obra, se os alicerces se não encontram aptos a receber a construcção? Isto, notae, não porque elles sejam menos resistentes, mas sim porque foram caboucados por uma planta diversa da do edificio. Qual a forma de aproximar as duas obras, uma já vetusta, de trabalho devedrico e dioso; a outra nova, de trabalho hodierno e progressivel?

Que insano trabalho, só decerto comparavel ao d'aquella que tentasse sobre o lado de um quadrado ajustar a respectiva diagonal.

E, de tal incommensurabilidade triumphou com grande credito, para si, o sr. José Benoliel; pois que, verteu com a maior fidelidade, attestam, para mimosos versos hebraicos o sublime episodio tragico dos Lusitãos — *Inez de Castro*.

Foi esta traducção revista pelo grão-rabino M. Wogue, foi destinada a ser apresentada á ultima sessão do Congresso Internacional dos Orientalistas,

A obra publicada pela benemerita *Sociedade de Geographia*, de Lisboa, é precedida d'uma interessante introducção pelo sr. Luciano Cordeiro, á qual nos reportámos na parte biographica. A versão é dedicada a S. M. a Rainha D. Amelia, n'um soneto primoroso e encantador que começa assim:

*C'est pour chanter du beau les merveilleux traits,  
La gloire, la grandeur, l'amour, divin mystère  
Où l'âme seule peut ici bas se complaire,  
Que Dieu fait le poète et que les vers sont faits.*

Mas o erudito polyglotta e talentoso poeta não parou aqui, pois que, como mancha com uma superioridade notavel varios idiomas antigos e modernos, apresentou também ao X Congresso Internacional dos Orientalistas, o seguinte trabalho que se está a imprimir na Imprensa Nacional: *Fabulas de Lokman*, texto arabe, traducção em portuguez, e traducção livre em verso hebraico.

N'este primoroso estudo adoptou o sr. Benoliel as fórmas conhecidas do verso hebraico e algumas innovadas por elle com muita arte. É um trabalho esplendidamente elaborado no seu conjunto, e que, sem duvida, vem acarretar mais uma parcella de gloria ao sr. Benoliel, pois que, por si só, bastaria para celebrar o distincto hebraista portuguez, cujo retrato offerecemos hoje aos nossos leitores, e o qual acompanhamos d'estas rapidas linhas, lastimando não sabermos dizer mais de quem tanto nos merece.

Esteves Pereira.

## CINCO DOIDOS ILLUSTRES

(Continuado de n.º 512)

Pobre e desajudado de alheio auxilio, Lopes de Mendonça foi um d'esses talentos que soube abrir caminho através de todas as difficuldades, sem que o acovardasse a calumnia, nem lhe fosse barreira o sarcasmo estúpido das multidões. Aos quinze annos já Lopes de Mendonça escrevia para o publico. O seu estylo era sacudido como as suas convicções, e o seu peculio litterario mais brilhante do que opulento. Aproveitando-se da notavel difficuldade que Lopes de Mendonça tinha em se exprimir, o vulgo, sempre audaz e covarde, cha-

mava o a polemicas verbaes e extemporaneas, e chismava-o ironicamente de *litterato*, convertendo em injuria o seu grande titulo de gloria, o amor ao trabalho; em enxovalhos brutaes os seus sonhos de gloria.

O melhor capitulo, do melancolico e justiceiro livro de Bulhão Pato, *Sob os Cyprestes*, é talvez o epitaphio:

«Que posso eu exigir mais do que um olhar, do que um suspiro, do que uma lagrima! E' tudo! E' nada!»

Foi Lopes de Mendonça o elegante estylista, mais tarde o reflexivo escriptor que, tanto de assumptos historicos se preocupou, o segundo amigo que eu vi perder-se na voragem da loucura! Ao primeiro enturycera-lhe a razão o amor. Ao segundo, o trabalho improbo, a desconsideração malevola das turbas. O lar domestico não foi bastante para lhe acalmar os nervos irritados por uma larga serie de decepções, de injustiças sociaes.

Pobre amigo!

No collegio militar fôra meu condiscipulo um rapaz franzino, de uma physionomia bondosa, atrahente, quasi feminina. Chamava-se elle Pedro d'Alcantara Gomes Fontoura, e era filho do brioso coronel do mesmo appellido que na serra do Algarve, fizera frente ao temido guerrilheiro Remechido, que ainda depois da convenção de Evora-Monte, teimava em defender os direitos de D. Miguel.

Quem tivesse conhecido na adolescencia o meu pobre condiscipulo, ainda então imberbe, tomal-o-hia por uma menina, tão composto era o seu porte, tão insinuante o seu olhar, tão mimosas as suas feições. Ah! pelo anno de 1842 ou 1843, lembrei-me eu de escrever uma ecloga que devia ser representada pelos meus condiscipulos na vespera da noite de S. João. Representar uma ecloga era idéa digna da nossa ingenuidade e da nosso profunda ignorancia em assumptos theatraes.

Pois a ecloga representou-se com pismo e inveja dos nossos demais condiscipulos.

Na ecloga a que me refiro e de que já me esqueceu completamente o titulo e a singella urdura, representavam de pastores, Pedro d'Alcantara Gomes Fontoura, o notavel engenheiro que depois veio a ser, e Luiz Correia Caldeira, o esperançoso poeta que a morte ceifou tão cedo, sem ainda assim lhe ter tirado o tempo para se manifestar com uma intelligencia capaz dos mais elevados committimentos. Entre os serranos que requestavam as duas gentis pastores, avultava Joaquim Guilherme de Vasconceillos, hoje abastado proprietario e vice-presidente do centro progressista d'Elvas!

Ainda me recordo, confesso que ferido no meu amor proprio, que dias depois do meu triumpho bucolico, era chamado á presença do director do collegio militar, que paternalmente me reprehendeu por eu me deixar vencer pelas musas com grave prejuizo do *x* e mais *y*, e dos exames do primeiro anno de mathematica que estavam a bater á porta.

A representação ao ar livre da tal minha ecloga apertou ainda mais a amizade que já me prendia ao Fontoura, a ponto de elle, annos depois, recorrer a mim para ser seu padrinho em duello com um official francez chamado Prioux, duello que se effectuou em Campolide e á pistolla, por causa de uma dançarina chamada Lisereux, que o meu infeliz amigo queria á fina força ter na conta de uma ingenua, o o official francez, mais pratico de negocios de bastidores, teimava em medir pela mesma bitola porque afferia as demais dançarinas.

(Continúa).

L. A. Palmeirim.

## A EMBAIXADA DE JUNOT EM LISBOA

### II

Diz o sr. de Mouy que Lannes recebeu a 13 de outubro de 1804, ordem de ir reassumir em Lisboa o seu posto de embaixador, e as instrucções em que se lhe prescrevia fazer todo o possivel para conseguir que Portugal deixasse a neutralidade para entrar francamente na alliança franceza, e accrescenta que tanto o imperador como Talleyrand ficaram espantadissimos com as recusas do *marechal*, como o sr. de Mouy por um lapso lhe chama, sem se lembrar de que em outubro de 1804 ainda existia a republica e o consulado, e que os marechaes do imperio só foram creados juntamente com o imperio em dezembro d'esse mesmo anno. Mas realmente, se Bonaparte, como mostrou em todos os seus actos, procu-

rava n'essa occasião seduzir a côrte portugueza, como podia elle escolher de novo para representar esse papel um homem como Lannes, contra o qual recebera de Lisboa continuas queixas, que tratára o principe e a côrte e os ministros e os funcionarios com uma insolencia de soldado e umas prepotencias de pretor, que impozera demissões de funcionarios, que dera escandalo com o contrabando que fazia, abusando assim das suas prerogativas diplomaticas? É certo que Lannes não desejaria voltar a Portugal, onde colhera todos os proventos a que aspirava, e onde corria perigo, elle agora marechal do imperio, de não receber algum dos grandes commandos que teriam de ser distribuidos pelos generaes de Napoleão na guerra que evidentemente se preparava. E, digamol-o tambem, era natural que Bonaparte, que bem sabia que era inevitavel, e que, no caso de lhe poder escapar, tinha pelo menos o intento de levar por diante a expedição de Inglaterra, era natural que empregasse n'uma missão diplomatica um dos generaes em que elle, justificadamente, mais confiança depositava?

Não; estamos perfeitamente convencidos de que foi simplesmente *pro forma* que se disse a Lannes que tinha de partir para Portugal, que foi com perfeita satisfação que o novo imperador assignou, a seu pedido, a demissão de Lannes no dia 24 de janeiro de 1805 e nomeou logo em seguida para o posto de embaixador em Lisboa o seu primeiro ajudante de campo, Junot.

Esse sim, esse estava perfeitamente nas condições exigidas. Era um valente e um impetuoso, bom para exercer pressão na debilidade do governo portuguez, e não era um general que fizesse falta nos commandos de qualquer campanha. Sem ser rude como Lannes, tendo até uma certa cultura de espirito, não bastava, é certo, para representar a alta civilização franceza n'uma côrte em que era ministro dos negocios estrangeiros um homem cultissimo como Antonio de Araujo e Azevedo, mas era casado com uma escriptora, com uma mulher de finissimo espirito e de alta educação, unica talvez das esposas dos marechaes e dos generaes que podia figurar brilhantemente, como a representante da nova côrte franceza, n'uma côrte de velha raça e de velhas tradições. Imaginem que o imperador mandava para cá o marechal Lefebvre e com elle a desbocada da mulher, a *M.me Sans-gêne*, da recente comedia de Sardou!

Ora, além de tudo isto, Junot era um instrumento cego da vontade do imperador; faria sempre o que elle mandasse sem commentarios, e sem replicas; Lannes não, esse resmungava sempre, e foi até por elle resmungar que veio pela primeira vez a Portugal. O primeiro consul precisava de affastar de Paris um general que criticava abertamente a concordata, e de má vontade accetava a resurreição das *macaquices da padralhada!* Fresco embaixador seria elle para uma côrte eminentemente catholica, como era então a portugueza, no momento em que Napoleão dasejava captival a e seduzil-a.

M.<sup>me</sup> Junot, que foi depois duqueza de Abrantes, recebera ácerca da sua attitude em Lisboa instrucções muito particulares que ella transcreve nas suas interessantissimas *Memorias*. Essas instrucções são cheias de bom senso, e vê-se que a espirituosa Laura, a futura duqueza de Abrantes, as seguiu á risca. Notaremos em especial que soube a embaixatriz franceza captivar por tal forma o nuncio do Papa que o digno prelado não saia de casa d'ella. M.<sup>me</sup> Junot percebia perfeitamente que, n'um paiz tão dominado pela religião, não se podia exercer a influencia necessaria estando-se mal com o representante supremo da Igreja.

(Continúa).

M. Pinheiro Chagas.

## LENDA DE IGNEZ DE CASTRO

### (CARTA FAMILIAR)

(Continuado do numero 540)

Mas a *fonte das lagrimas*, as lagrimas convertidas em fonte tiveram origem evidente na *Argonautica* de Apollonio de Rhodes, liv. I Morre Cyzico pelejando com os Argonautas Clite, esposa do principe, succumbindo á sua dôr, suicida-se; e das lagrimas com que é chorada as nymphas fazem uma fonte. Eis o texto original.

Οὐδὲ μὲν οὐδ' ἄλοχος Κλειτὴ φθιμένην λείπειτο  
Οὐδ' ὅστις μετόπισθε· κακῆ δὲ ἐπὶ κύντερον ἄλλο  
Ἦνυσεν, ἀψαμένη βρόχον αὐχένι. τὴν δὲ καὶ αὐταί

Νύμφαι ἀποφθιμένην ἀλλ' ἄιδες ὀδύσασσαντο·  
Καὶ εἰ ἀπὸ βλεφάρων ὄσα ἔειπεν ἔραζε,  
Πάντα τάγε κρίνῃν τεύξον· ἢ, τὴν καλεῖσσι  
Κλειτὴν, οὐστήνιοι περικλεῖς οὐνομα νύμφης.

Costa e Silva traduziu este logar assim:

Nem Clite a esposa seu esposo extinto  
Deixar quer; juncta ao mal outro mais triste,  
E a cerviz deu a um laço; á morte sua  
Do bosque choram as sensiveis nymphas,  
E as derramadas lagrimas tornaram  
Em fonte pura que appellidam Clite,  
Do nome illustre da infeliz esposa.

O sr. Henri Faure, natural de Attainville, visitou Portugal e tão encantado se foi do nosso paiz, que nos seus escriptos tem singularmente honrado a nossa litteratura, vertendo para a sua lingua o *Camões* de Garrett e imitando o *episodio de Ignez de Castro* dos *Lusíadas*. Este ultimo fórma um folheto, primeiro numero d'uma serie de estudos, que denomina *Les drames de l'histoire*.

Sympathisamos com o seu trabalho, e confrontando-o com outras traducções francezas, como as de Barrault, de Florian, de Grandmaison e do nosso duque de Palmella, D. Pedro, não reputamos somenos a d'este illustre litterato. Copiaremos por amostra a estancia da *bonina que corta*... uma das mais famosas do poeta:

Comme la fleur des champs, qu'une jeune bergère  
Cueille pour la nouer dans sa tresse légère,  
Se fane promptement et perd sa douce odeur,  
Ainsi les traits d'Inez ont changé de couleur:  
La flamme de ses yeux s'éteint, son front se penche,  
Et l'aile de la mort voile sa face blanche!...

Difficillima é a versão d'esta oitaava, e o merito, do sr. H. Faure transluz principalmente na brevidade energica com que a trasladou para a sua lingua. O sr. conde de Ficalho na sua *Flora dos Lusíadas* observa com finissimo juizo a sobriedade que Camões sustenta nos aspectos geraes da vegetação e como estas descripções, sobre serem raras, são curtas e condensadas. Sob tal ponto de vista são n'este logar pouco felizes alguns traductores, se exceptuarmos talvez o nosso duque e com certeza o sr. H. Faure.

E' frequente nos poetas esta parabola da *flor murchada*, mas intraduzivel do portuguez o lindissimo termo de *bonina*, que é todo nosso e de transcendente mimo. E' admiravel esta pintura, unica talvez; a phrase elegante, a transposição maravilhosamente bella, o verso suave e harmonioso a tornam inimitavel. Camões tomou esta comparação de Virgilio, que já a tomara de Homero, mas a musa portugueza sobresahe aos seus deliciosos modelos. Vejamos o latino na *Eneida*, e coteje-o o meu amigo com o portuguez, quer no liv. IX, fallando de Euryalo:

*Purpureus veluti cum flos succisus aratro  
Languescit moriens; lassove papavera collo  
Demisere caput pluvia cum forte gravantur;*

que Odorico Mendes verteu:

Ao côrte assim do arado, fallecendo  
Murcha a rosa, ou das chuvas aggravada,  
O collo inclina a languida papoila;

quer no liv. XI, fallando de Pallante:

*Qualem virgineo demessum pollice florem,  
Seu mollis violae, seu languentis hyacinthi  
Cui neque fulgor adhuc, necdum sua forma recessit,  
Non jam atil mater tellus viresque ministrat;*

que o mesmo interpretou:

Qual por virgineo pollice apanhada  
Molle violeta, ou languido jacintho,  
A quem brilho nem cheiro inda fallece,  
Mas não vigora e nutre a mãe terrena.

(Continúa).

A. A. da Fonseca Pinto.

## O TORNADIÇO

Romance historico

PELO

MORG. DE FORTINIÃES

(Continuado do numero antecedente)

Aqui o velho parou a tomar folego, e poisou na sobrinha um olhar desconfiado. Ella, alyoroçada,

curvou-se mais sobre o busto, e murmurou ansiosamente:

— E que mais, que diz mais?

— Hum, hum... — rosnou o bacharel em cano-  
nes, com um clarão de perspicacia sob os olhos.  
E, leve-me, e rancudo, leu a carta até ao fim.  
... assignatui impressionou o.

O fidalgo enamorado assignava pomposamente  
todo o nome: D. Balthazar Luiz de Lara Botelho  
e Noronha.

— Isto é fidalgo de tomo! — exclamou elle, re-  
petindo o nome.

E para a sobrinha:

— Quem dianho te mandou este papel, meni-  
na? Isto é obra de grande letrado!

Luiza não pôde deixar de corar, sorrindo de  
olhos baixos.

— Vamos a saber — tornou o padre, adoçando  
a voz — quem é este D. Balthazar?... Será elle  
um cavalleiro que eu tenho visto por ahi, de bi-  
godes á peralta? Hum... Bem me dizia o morga-  
do de Loureiro, ha dois dias: «Reverendo pri-  
mo, olha que anda moiro na costa!» Com que  
então, o moiro era o tal peralvilho, hein?

— Elle passava por aqui e olhava... — balbu-  
ciou emfim Luiza.

— E tu olhavas, e elle tornava a passar e tu tor-  
navas a olhar... Linda coisa, na ver-  
dade! Mas que mafarrico é elle?  
Lara Botelho... Eu conheço este  
nome!

— E' filho do conde de Val-de-  
Bouro.

— Isso, isso! Bem dizia eu que  
conhecia o nome: foi um tio d'elle,  
de certo, o frei Thomé das Cha-  
gas... Mas então, tu queres casar  
com elle, ou como é isso?

— Eu queria...

— Mas elle é o morgado? A casa  
de Val-de-Bouro é grande, não ha  
duvidar, mas os filhos são como ra-  
tos. Que é o que elle tem?

— Não sei...

— Não sabes?! essa é das melho-  
res!... Então tu gostas de um ho-  
mem sem saber o que elle tem? A  
modo que te vejo variada. Valha-te  
Deus!

— E agora, tio?

— Agora, vamos a ver. Tu pen-  
sarei, eu pensarei... Vós sois os  
meus peccados! Teu irmão, antes  
de ir para Madrid, desencaminhou  
a filha do Elias s'christão, e eu tive  
de lhe dar cincoenta mil réis de  
dote para o tendeiro de Ribafeita  
casar com ella; tu, agora, saes-te  
com uma d'estas!... Andaste de  
leve, sobrinha. Isto de casar por  
amores é coisa pouco direita, mas  
emfim, vamos a ver... Deixa cá fi-  
car a escriptura, que é obra de pri-  
mor!

— Mas o tio não diga nada, por  
ora, não?

— Tem sizo, pequena! Eu cuida-  
rei d'isto, não te importes.

Cuidou, com effeito, mas foi mys-  
terioso. Na manhã seguinte, depois  
de missa, mandou selar a sua egua e sem mais  
comitiva do que um laçao de confiança, dirigiu-se  
á quinta de S. João, onde D. Balthazar de Lara se  
hospedára.

O que se passou entre elles, foi segredo. A' vol-  
ta, o padre trazia um clarão alegre na physion-  
omia vermelha da soalheira.

— Oh, senhoras, que calmaria! — exclamou elle  
entrando na sala, onde a irmã e a sobrinha o es-  
peravam. — Mana Joanna, faça favor de chegar  
aqui: tenho que lhe dizer!

Luiza corou, presentindo acontecimento; e mais  
enleada ficou quando o tio padre, entrando com  
a mãe d'ella para o gabinete proximo, lhe disse  
d'entre portas:

— E tu, pequena, não vás para longe.

A palestra entre os dois velhos foi demorada.  
A meio d'ella, Luiza foi reclamada pela voz so-  
lemne do tio, e a conferencia continuou myste-  
riosamente, entre os tres, até á hora de janiar.

Maio findava. Um sol de verão batia nos campos  
onde os centeiaes espigavam ouro.

O bacharel em canones, findo o jantar, esperou  
horas de mais frescura, e fechou-se na livreria da  
casa a escrever. Quando, elle acabava a carta e  
se torcia sobre o largo papel, no esforço de bem  
desenhar a sua rubrica complicada, uma vozinha  
receiosa interrompeu o:

— Oh tio, não se esqueça de pedir brevidade,  
sim?

Era Luiza, que o observava de entre a porta.  
O velho olhou-a de revez, sob os olhos enormes.  
— Já tu andas no ar! — disse elle. — Ora anda  
cá, anda cá e esperta os ouvidos!

Tomou a carta de cima da meza, orientou-se  
por instantes n'aquelle labyrintho de prosa empe-  
nachada, e leu com um sorriso satisfeito:

«E não se detenha vossa mercê muito tempo,  
para não dar pábulo ao maldizer de pessoas in-  
vejosas. A licença paterna é de justiça que a peça;  
mas não deve ella soffrer dilacções de obstaculo,  
visto que a minha sobrinha tem todos os predica-  
dos de sangue e de riquezas, para ser digna de  
uma alliança com qualquer casa d'este reino, das  
principalissimas da côrte.»

Aqui, o padre Lopo de Almeida parou e ergueu  
para a sobrinha os olhos radiantes de triumpho:

— Hein, que tal?... D'isto não se faz todos os  
dias, senhora sobrinha!

Luiza, por unica resposta, lançou-lhe agradeci-  
damente os braços ao pescoço.

O laçao esperava já no pateo, com o cavallo  
arreado; o padre Lopo chamou-o, e mandou a  
carta a D. Balthazar de Lara, quinta de S. João.

O creado partiu a galope, e o velho egresso,



JOSÉ BENOLIEL.

voltando-se então para a sobrinha, que o seguia,  
murmurou, dando-lhe uma palmadinha na face  
ruborisada:

— E agora tratar do enxoval, sua tonta!

(Continua.)



## REVISTA POLITICA

A situação creada pelo governo com a dissolu-  
ção extemporanea do parlamento e a desastrosa  
recomposição ministerial, é verdadeiramente de-  
ploravel, porque bem se pôde dizer que foi peor  
a emenda que o sonero.

E o que se depreende do que vae por ahi a  
respeito de eleições e candidatos.

A situação do governo antes da dissolução e da  
recomposição, era melhor que a actual, embora  
estivesse sob uma certa dependencia do partido  
progressista, visto que não tinha uma extraordi-  
naria maioria na camara.

Agora essa certa dependencia converteu-se n'um  
verdadeiro jugo e tudo leva a crer que o partido  
progressista traga á camara mais deputados seus  
dos que os que tinha na camara que foi dissol-  
vida.

Esta é que é a verdade e assim se explica a

mansidão da epoca eleitoral que vamos atravessando,  
parecendo que devia ser exactamente o  
contrario.

Pela mais inversa das coisas tem o governo que  
acceitar todos os accordos e em vez de ser elle a  
repartir os candidatos, tem que acceitar os que a  
oposição lhes indicar.

E foi para isto que se dissolveu o parlamento  
e se recompôz o ministerio!

E o resultado de erros politicos, em que o go-  
verno não attentou, mas de que lhe está soffrendo  
os duros effeitos.

N'estas condições ainda não está completa a  
lista dos candidatos por Lisboa e estão sendo  
grandes as difficuldades para a completar, não  
obstante haverem já dois candidatos progressistas.

E tudo o que ha de vedade a respeito de elei-  
ções.

Fóra d'este assumpto temos a famosa epistola  
do sr. conde de Magalhaes, publicada no *Economiste Français*, em que este titular, parecendo-  
lhe pouco o que o sr. Paul Lroy Beaulieu tem  
dito de Portugal, que na opinião d'este articu-  
lista fancez, é um paiz de bandidos de piratas, de  
ladrões etc, faz côro com elle e pede a interven-  
ção do governo da França, para mandar os seus  
couraçados, obrigarem o governo portuguez a  
pagar aos obrigacionistas dos cami-  
nhos de ferro o que o estado da com-  
panhia não permite satisfazer-lhe  
por completo.

Este zelo do titular, que já foi mi-  
nistro que tambem é *par do reino*,  
para admiração das gentes, começa  
por si proprio porque é obrigacio-  
nista, e porque o convenio do go-  
verno portuguez o prejudica em al-  
gumas centenas de francos.

Isto ouve se e custa a acreditar.  
Que um titular portuguez, *par do  
reino*, ex-ministro, capitalista, que  
tudo deve a este paiz de gente boa,  
que tem feito tantos *titulares e pa-  
res do reino*, peça ao estrangeiro  
que venha bombardear nos é inau-  
dito para não dizermos outras coi-  
sas feias.

D'este portuguez não se poderá  
dizer:

«Ditosa patria que tal filho teve».

mas como diz Camões:

«Dizei-lhe, que tambem dos Portu-  
guezes»  
«Alguns traidores houve algumas  
vezes.»

Deve estar muito atrapalhado este  
*fidalgo* para assim denunciar sua  
fraqueza, mas já que não pôde ser  
superior a algumas centenas de fran-  
cos, e que esta patria tão pouco lhes  
merece, achavamos muito mais cor-  
recto que deixasse este paiz com to-  
das as honras que lhe deve, e que  
depois, a bordo de um couraçado  
da triplice alliança, viesse dirigir o  
assalto ás algibeiras dos contri-  
buintes, visto que no thesouro não seria facil en-  
contrar oiro com que saciar a sua sêde.

«Levantae-vos, por Deus! ó pedras da calçada!»

João Verdades.

## Almanach Illustrado do «OCCIDENTE» Para 1894

Já sahio a publico e está á venda em todas as  
livrarias este annuario illustrado.

A capa é um formosissimo chromo allusivo ás  
touradas, em que se vê a Praça do Campo Pe-  
queno. Preço 200 réis; pelo correio 220; pedidos á

Empreza do OCCIDENTE

L. do Poço Novo—Lisboa

## Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.  
Preço da capa e encadernação 1200 réis.

Pedidos á empreza do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de proprieda-  
de artistica e litteraria.

Adolpho, Modesto & C.ª, Imp. — R. Nova do Loureiro, 25 a 39